

NÍVEL DE MOTIVAÇÃO E COORDENAÇÃO MOTORA EM ESCOLARES INGRESSANTES EM UM PROJETO DE FUTSAL

Vinicius Machado de Oliveira¹, Thaís Renata da Silva¹
 Marcos Roberto Brasil¹, Bruna Janaina Estevão¹
 Zacarias Chumilhak¹, Schelyne Ribas da Silva^{1,2}

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar a coordenação motora e os aspectos motivacionais atrelados a prática do desporto em escolares ingressantes em um projeto de futsal. A amostra foi composta por 43 alunos, divididos em dois grupos, (G1: 9 a 13 anos e G2: 14 a 16 anos). Para a verificação da coordenação motora foi utilizado a bateria de Körperkoordinationstest Für Kinder (KTK) e para o inquérito da motivação o Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD). Como tratamento de dados foi realizado a estatística descritiva (média, desvio padrão, frequências absolutas e relativas), Teste T de student para amostras independentes e Correlação Produto Momento de Pearson, todos com p-valor de <0,05 executados no SPSS (v.21.0). Através das análises, não verificou-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para as tarefas do KTK, logo, a coordenação motora entre os escolares é muito semelhante, o que demonstra que a idade para esse grupo não foi fator de interveniência, embora esperava-se que os mais velhos fossem mais coordenados. Quando foi analisado toda amostra e classificada mediante a coordenação, verificou-se que 58,1% dos alunos apresentaram uma coordenação normal, entretanto aproximadamente 42% apresentaram perturbações e insuficiência na coordenação. Com relação a motivação para a prática esportiva não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos, porém foram verificadas correlações significativas entre algumas dimensões motivacionais. Este diagnostico demonstra que os indivíduos realmente necessitam de uma intervenção, para que os componentes da coordenação e os aspectos motivacionais possam ser contemplados e otimizados.

Palavras-chave: Crianças. Adolescentes. Desempenho Motor. Motivação Esportiva.

1-Laboratório de Esportes e Psicologia Esportiva-LABESPE, Departamento de Educação Física-DEDUF/G, Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, Guarapuava, Paraná, Brasil.

ABSTRACT

Motivation levels and motor coordination in school entrants in a futsal project

The present study aimed to investigate the coordination and motivational aspects linked to sports in school entrants in a futsal project. The sample consisted of 43 students, divided into two groups (G1: 9-13 years and G2: 14-16 years). In order to verify motor coordination the KTK test battery was used and for the sports motivation inquiry, the QMAD questionnaire was used. As data processing, descriptive statistics were realized (averages, standard deviations, absolute and relative frequencies), Test T for student was performed for independent samples and Pearson's Product Moment Correlation, all with <0.05 p-value run in SPSS (v. 21.0). Through the analysis, there was no statistically significant differences between groups for the tasks of KTK, therefore, coordination among students is very similar, which shows that the age for this group was not an intervening factor, although it was expected that older people were more coordinated. When each sample was analyzed and classified by coordination, it was found that 58.1% of the students showed normal coordination, however, approximately 42% had disturbances in the coordination and failure. Regarding the motivation for sports, no significant differences between groups were found, however, significant correlations between some motivational dimensions were verified. This diagnostic shows that the individuals really need an intervention, so that the components of coordination and motivational aspects can be contemplated and optimized.

Key words: Children. Adolescents. Motor performance. Sports Motivation.

2-Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte-PPGCE, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional-EEFFTO, Universidade Estadual de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas estudos relacionados ao desempenho motor de crianças e adolescentes vem aumentando consideravelmente (Valentini, 2002; Krebs e Colaboradores, 2011; Carminato, 2010; Brasil e Colaboradores, 2015).

Esta busca incessante pela compreensão do comportamento motor entre infantes, têm se mostrado importante na construção de conhecimentos mais aguçados acerca do assunto, contribuindo para intervenções mais direcionadas e com melhor efetividade.

Dessa forma, a investigação mais aprofundada do desempenho e do desenvolvimento motor tem permitido tornar as intervenções mais eficazes, com melhores resultados e maior lapidação das habilidades de crianças e adolescentes (Brasil e Colaboradores, 2015).

Entretanto, muitas das vezes os escolares não são estimulados ao seu aprendizado máximo, e em consequência disto, algumas valências preponderantes para o sucesso nas tarefas ficam adormecidas, prejudicando o seu desempenho, não só no contexto esportivo, mas também em diversas esferas do cotidiano. É em reflexo desta situação que o professor deve compreender com autonomia as características do desenvolvimento motor.

Primeiramente, o desenvolvimento humano é um processo natural e sequencial, em que o indivíduo passa por uma série de mudanças corporais providas pelo processo de crescimento e maturação (Almeida, 2012).

Esse desenvolvimento pode ser influenciado por inúmeras variáveis, tais como idade, genética, condições ambientais e entre outras (Gallahue e Ozmun, 2005).

Já o desenvolvimento motor refere-se a alterações nas habilidades de movimento, as quais são influenciadas por fatores como tarefa, ambiente e biótipo, bem como por ações motoras experienciadas pelo sujeito ao longo de sua vida, sendo estas fundamentais para um desenvolvimento motor harmônico (Haywood e Getchell, 2009).

Neste sentido, compreende-se que as experiências vivenciadas por crianças e adolescentes, ao longo de seu crescimento, são indispensáveis na construção do gesto motor e quanto mais variadas e prolongadas

forem, melhores benefícios trarão (Brasil e Colaboradores, 2015).

Portanto, faz-se necessário a condução de intervenções eficazes, desde a infância até a adolescência, para que os aprendizados adquiridos em cada fase do seu crescimento, desenvolvimento e maturação beneficiem seu desempenho, tornando-o assim melhor.

Contudo, para se tiver um bom desempenho motor, é necessário um desenvolvimento motor coordenado, cujo significa realizar movimentos de forma harmoniosa, voluntária, rápida e reflexiva, que se adaptem a determinada situação (Carminato, 2010).

Um desempenho motor coordenado, depende das experiências que o indivíduo traz consigo, logo, a variabilidade e o número de repetições determinam grande parte da coordenação adquirida (Carminato, 2010).

É importante ressaltar que o desenvolvimento motor não depende exclusivamente dos fatores citados até aqui, ressaltando, deste modo, também como fator influente nos dias atuais a motivação.

O comportamento das crianças e dos adolescentes durante a realização das atividades está diretamente influenciado pelo seu nível de motivação.

Neste sentido, os desafios propostos aos alunos e sua intenção de enfrentá-lo podem variar, alguns participam acreditando nas suas capacidades e outros subestimam seus resultados dentro da atividade (Polles e Barbosa, 2012).

Nesse momento, o professor precisa se atentar aos fatores que levam o aluno àquela prática, para que as instruções afetem diretamente no fator motivacional, cabe então, definir motivação e refletir sobre seus significados.

A motivação pode ser explicada como o fator que leva as pessoas realizarem alguma ação, a fim de atingir um determinado objetivo (Winterstein, 1992).

Segundo Balbinotti e Colaboradores (2011), esta motivação pode ser influenciada por fatores extrínsecos e intrínsecos, cujo irão determinar o quanto o indivíduo está motivado.

Deste modo, trazendo para o contexto esportivo com escolares, a motivação intrínseca pode ser compreendida quando o aluno pratica a atividade pelo simples fato de aprender, onde o jogo em si é agradável, já a

extrínseca é quando o aluno é influenciado por terceiros como amigos, familiares, professores, técnicos e entre outros (Bernardes, Yamaji e Guedes, 2015).

Portanto, a figura do professor se torna indispensável no processo de aprendizagem, uma vez que sua instrução irá determinar parte da motivação alcançada pelo aluno na realização da tarefa.

Assim, determinar o nível de motivação para a prática da atividade se mostra muito pertinente, pois pode ajudar o professor a compreender melhor os aspectos motivacionais durante o processo de intervenção, bem como influir positivamente nos níveis motivacionais, contribuindo de forma concomitante para o desempenho motor e esportivo.

Dessa forma, investigar os aspectos motivacionais e o desempenho motor no período inicial de intervenção, pode direcionar o trabalho do professor, indicando quais são os caminhos e as principais necessidades de estimulação.

Sabendo desta prerrogativa, o presente estudo teve por objetivo verificar os níveis de motivação esportiva e coordenação motora entre escolares ingressantes em um projeto de futsal.

Posteriormente, verificar se existe influência da idade nestes dois componentes, comparando possíveis diferenças entre faixa etárias.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de Pesquisa

O presente trabalho se evidencia como um estudo de campo descritivo, do tipo transversal (Thomas, Nelson e Silverman, 2007), tendo em vista que as variáveis investigadas foram avaliadas apenas uma vez. Além disto, o estudo se caracteriza por uma abordagem quantitativa, uma vez que trabalha com valores e intensidades.

Amostra

A amostra foi composta por 43 alunos do gênero masculino ingressantes em um projeto de futsal. Posteriormente, os participantes foram divididos em dois grupos etários para critério de comparação, um grupo de 9 a 13 anos e outro de 14 a 16 anos. A

seleção dos participantes se deu de forma não aleatória, por voluntariedade.

Procedimentos de Coleta

Para o recrutamento das crianças participantes da pesquisa e do projeto foram realizadas divulgações nas escolas públicas estaduais próximas aos locais de prática do projeto. Para ingressar nas atividades os alunos apresentaram a concordância dos responsáveis, previamente estabelecida em ficha de inscrição preenchida juntamente com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que continha todas as respectivas informações do projeto bem como os procedimentos de avaliação. Tal estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer 487.685/2013 e está de acordo com as determinações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) referente às pesquisas com seres humanos.

Posteriormente a esse período foi dado início ao processo de avaliação para levantamento de dados e informações referentes aos participantes. As coletas se deram sempre nas primeiras aulas antes das práticas. Inicialmente duas avaliações foram realizadas, um questionário para o levantamento da motivação esportiva e uma bateria de testes para a arguição do desempenho motor, ambos discutidos em nosso estudo.

Instrumentos de Medida

Para a verificação do desempenho motor foi aplicado o teste de coordenação corporal para crianças (Körperkoordinationstest Für Kinder – KTK). Esse teste permite evidenciar alguns parâmetros, tais como a precisão, economia, fluência, elasticidade, isolamento e adaptação do movimento, sendo estes avaliados através de quatro tarefas motoras (trave de equilíbrio, saltos monopodais, saltos laterais e transferência sobre plataformas) que estão amplamente descritos e detalhados no estudo de Carminatto (2010).

Independentemente da idade, as tarefas são as mesmas, porém, os conteúdos das tarefas apresentam dificuldades que aumentam na medida em que os indivíduos são mais velhos. Diante disto, a diferenciação por idade para a classificação posterior segue

alguns critérios como: (1) aumento da altura ou distância; (2) aumento da velocidade e (3) maior precisão na execução, medida (número de acertos por tentativa).

Para a determinação dos coeficientes motores obtidos pelos participantes, foi utilizado os valores normativos propostos por Gorla, Araújo e Rodrigues (2009).

Deste modo, os resultados da pontuação de cada tarefa (valores brutos) foram transformados, por meio de valores normativos, em quocientes motores de acordo com o gênero e idade do participante, ao final realizou-se a somatória e obteve-se o quociente motor geral.

Esse quociente motor geral remete a um escore, que por sua vez, permite fazer a classificação do nível de desempenho da coordenação motora, representado na Tabela 1.

Para a investigação do comportamento motivacional atrelado ao esporte, foi aplicado o Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD), na sua versão mais recente proposta por Serpa (1992).

Tal instrumento foi derivado do Participation Motivation Questionnaire (PMQ), desenvolvido por Gill, Gross e Huddleston (1983), tendo sido traduzido e adaptado para a língua portuguesa.

O questionário é constituído de 30 questões que buscam verificar as razões associadas a prática desportiva, sendo as questões distribuídas em 7 Subescalas

(Dimensões Motivacionais): 1) Realização-estatuto; 2) Divertimento; 3) Atividade em grupo; 4) Contextual; 5) Aptidão Física; 6) Aperfeiçoamento técnico; 7) Influência de familiares e amigos.

O QMAD permite a adoção de uma escala mais ampla, podendo as respostas ser apresentadas em contínuum de 5 pontos em uma escala tipo "Likert", sendo apresentados da seguinte forma: 1 – nada importante; 2 – pouco importante; 3 – importante; 4 – muito importante e 5 – totalmente importante.

As subescalas são agrupadas em motivos extrínsecos (relação-estatuto, atividades em grupo, contextual e influência de familiares e amigos) e também intrínsecos (divertimento, aptidão física e aperfeiçoamento técnico).

A cotação do QMAD é feita de forma semelhante aos valores atribuídos a escala Likert, sendo atribuídos pontos de 1 a 5, com exceção de duas questões do questionário que possuem cotação inversa de 5 a 1. Para obtenção dos pontos em cada escala motivacional é realizado a soma dos itens respectivos e posterior divisão do número de itens (média dos itens).

Vale ponderar que a coleta do questionário de motivação foi realizado antes das atividades esportivas em horário antecedente à prática, tendo em vista que os alunos poderiam apresentar-se mais motivados em função das atividades. Desta forma, tentou-se reduzir o máximo possível os fatores intervenientes.

Tabela 1 - Classificação do KTK

Quociente motor	Classificação	Desvio Padrão	Porcentagem
131 - 145	Coordenação Alta	+ 3	99 - 100
116 - 130	Coordenação Boa	+ 2	85 - 98
86 - 115	Coordenação Normal	+ 1	17 - 84
71 - 85	Perturbações na Coordenação	- 2	3 - 16
56 - 70	Insuficiência na Coordenação	- 3	0 - 2

Fonte: Carminato (2010).

Análise de Dados

Para a análise estatística foi utilizada média, desvio padrão, frequência absoluta e relativa para descrição dos resultados referentes ao KTK, bem como apresentação de médias e desvios para as subescalas de motivação.

A realização das comparações dos grupos entre as variáveis investigadas se deu através do teste T student para amostras independentes. Também foi realizado o teste correlação de Person, para a verificação das possíveis correlações entre as subescalas de motivação. Para a execução das análises foi utilizado o pacote estatístico SPSS versão

21.0 com a adoção do nível de significação de $p < 0.05$.

RESULTADOS

A seguir são apresentados os resultados referentes a cada componente que compõe a bateria de testes KTK, investigando-se as possíveis comparações entre os dois grupos (Tabela 2).

Verificando a tabela 2, observa-se que os quocientes motor equilibrar, salto lateral e transferência para o grupo de 9 a 13 anos, foram de $97,0 \pm 11,4$; $87,3 \pm 16,9$; $75,7 \pm 14,7$, respectivamente, sendo estes valores visualmente menores quando comparados com o grupo mais velho, todavia os quocientes

encontrados para estes componentes não se evidenciaram estatisticamente significativos.

O mesmo comportamento foi observado para quociente motor monopedal, cujo, não se mostrou significativo quando comparado entre os grupos, entretanto visualmente maior para o grupo de 9 a 13 anos que apresentou uma média de $97,8 \pm 16,7$.

O quociente motor geral, representado pelo escore geral também não culminou em valores considerados significativos quando feito a comparação entre os grupos.

Na tabela 3 seguem-se os resultados de classificação geral do desempenho motor referente a toda amostra sem distinção de faixa-etária.

Tabela 2 - Valores de média e desvio padrão para o nível de coordenação motora entre os dois grupos.

Variáveis	09 a 13 Anos	14 a 16 anos	p-valor
	Média (DP)	Média (DP)	
Quociente Motor Equilibrar	97,0 (11,4)	97,7 (14,0)	0,879
Quociente Motor Monopedal	97,8 (16,7)	94,4 (20,9)	0,585
Quociente Motor Salto Lateral	87,3 (16,9)	88,3 (12,8)	0,825
Quociente Motor Transferência	75,7 (14,7)	79,6 (17,0)	0,457
Escore Geral	86,3 (13,3)	87,0 (16,2)	0,881

Tabela 3 - Classificação da coordenação motora em valores de frequência absoluta e frequência relativa.

Classificação	f	%
Coordenação Normal	25	58,1
Perturbações na Coordenação	12	27,9
Insuficiência na Coordenação	6	14,0
Total	43	100%

Tabela 4 - Valores de média e desvio padrão para as subescalas motivacionais entre os dois grupos.

Variáveis	09 a 13 Anos	14 a 16 anos	p-valor
	Média (DP)	Média (DP)	
Realização Estatuto	2,78 (0,66)	2,97 (0,52)	0,324
Divertimento	3,19 (0,83)	3,21 (0,77)	0,935
Atividade em Grupo	3,48 (0,84)	3,42 (0,84)	0,839
Contextual	2,87 (1,39)	3,17 (0,93)	0,402
Aptidão Física	3,50 (0,79)	3,49 (0,70)	0,970
Aperfeiçoamento Técnico	3,37 (1,04)	3,34 (0,85)	0,926
Influência Familiar e Amigos	2,60 (1,68)	2,82 (1,19)	0,618

Tabela 5 - Correlação entre as subescalas de motivação

	Divertimento	Atividade em Grupo	Contextual	Aptidão Física	Influência Familiar e Amigos
Divertimento		0,82**	0,82**	0,66**	0,77**
Atividade em Grupo	0,82**		0,69**	0,67**	0,72**
Contextual	0,82**	0,69**			0,84**
Aptidão Física	0,66**	0,67**			
Influência Familiar e Amigos	0,77**	0,72**	0,84**		

Como pode-se observar na tabela 3, 58,1% dos participantes investigados apresentaram uma coordenação considerada normal, entretanto, aproximadamente 42% dos investigados apresentam perturbações e insuficiência na coordenação respectivamente, o que evidencia níveis de desempenho motor considerados baixos. Não foram verificados níveis de coordenação classificados em bom ou alto.

A seguir são apresentados os resultados referentes às subescalas de motivação para os dois grupos investigados.

Analisando os dados da tabela 4 observa-se que em nenhuma das subescalas houve diferenças significativas entre os grupos.

Entretanto, houve variações ligeiramente visuais, como é o caso das subescalas “realização estatuto”, “divertimento”, “contextual” e “influência de familiares” que se evidenciaram maior para o grupo de 14 a 16 anos. Já as outras subescalas mostraram-se mais preponderantes para a faixa-etária de 9 a 13 anos.

As dimensões motivacionais “realização do estatuto”, “contextual” e “influência de familiares”, foram as de menores picos de motivação para ambos os grupos. Vale a ressalva que mesmo observando alguns valores perceptivamente distintos entre os grupos, este comportamento não garante equivalentes significativos quando realizado a análise estatística.

Os dados seguintes (Tabela 5) apresentam os valores de correlação entre as subescalas de motivação para toda amostra investigada

Analisando os resultados da tabela 5, referente às correlações entre as dimensões motivacionais, pode-se elencar algumas correlações expressivas como é o caso da subescala “divertimento” com “atividade em grupo” (0,82**), “contextual” (0,82**) e

“influência de familiares” (0,77**). Para a dimensão “atividades em grupo”, esta se correlacionou expressivamente com o “divertimento (0,82**) e influência de familiares” (0,72**). A subescala “contextual” apresentou o mesmo comportamento com valores de correlações mais significativos entre o “divertimento” (0,82**) e influência de familiares” (0,84**). Já a subescala “influência de familiares” apresentou correlações com “divertimento” (0,77**), “atividades em grupo” (0,72**) e “contextual” (0,84**).

A dimensão aptidão física apresentou correlações com duas subescalas, “divertimento” (0,66**) e “atividade em grupo” (0,67**). Outras dimensões motivacionais, tais como a realização do estatuto e aperfeiçoamento técnico não apresentaram valores representativos de correlação, diante disso os valores não aparecem descritos na tabela 5.

Foram realizados testes de correlações entre os componentes motores do KTK com as subescalas de motivação, entretanto, não foram encontrados correlações expressivas. Desta forma, os resultados do presente estudo não apresentaram uma relação concomitante entre as equivalências de motivação com o desempenho motor dos escolares investigados.

DISCUSSÃO

O mapeamento inicial de ingressantes em projetos ou escolinhas de intervenção esportiva vem se caracterizando preponderante na literatura, tendo em vista a adesão e a efetividade dos participantes nas práticas esportivas (Braz e Arruda, 2008; Oliveira e Colaboradores, 2010; Valentini, 2002).

Não é mais confortável imaginar uma intervenção eficiente sem antes conhecer bem os intervindos, deste modo um levantamento de indicadores essenciais à prática, pode

auxiliar no balizamento de programas mais eficazes e com respostas mais positivas aos seus praticantes.

Assim, variáveis como a motivação e o desempenho motor parecem ser componentes interessantes a serem investigados, já que tais parâmetros parecem estar intimamente associados a uma melhor execução das tarefas (Januário e Colaboradores, 2012; Carminato, 2010).

Entretanto, não podemos defender tal hipótese quando falamos de ingressantes, já que possivelmente os níveis de motivação e de desempenho motor são baixos. Tal comportamento foi similarmente verificado em nossos resultados, principalmente nos dados de desempenho motor, cuja classificação não passou da normalidade e ainda 42% dos investigados apresentaram perturbações e insuficiência na coordenação, o que fortalece a característica de níveis de desempenho limitados quando se é ingressante no esporte.

Um comportamento muito similar ao nosso estudo referente a coordenação, foi encontrado por Lopes, Santos e Oliveira (2011), o qual na oportunidade investigando o desempenho motor entre 21 crianças, verificou que 52,4% dos escolares apresentavam uma coordenação normal e 47,6% perturbações e insuficiência na coordenação, e assim como no nosso estudo também não observaram classificações consideradas boas ou altas.

Outro estudo que parece estar parcialmente em consonância com o nosso e o de Carminato (2010), que também não encontrou classificações de coordenação acima da normalidade para os grupos investigados. Entretanto, as intensidades da classificação do KTK se configuraram de forma diferente, o qual encontrou perturbações e insuficiência da coordenação para 70,2% dos investigados.

Resultados interessantes referentes à mesma bateria de testes foi encontrado por Ramos e Menon (2011), cujo investigando uma amostra de crianças e adolescentes praticantes de futsal, observou um comportamento distinto ao nosso estudo, tendo em vista que na investigação em questão os pesquisadores não observaram perturbações e nem insuficiência na coordenação, somente classificações acima da normalidade.

Os resultados encontrados por Ramos e Menon (2011) apontaram que a prática

regular da modalidade futsal, contribuiu de alguma maneira para a efetivação de uma melhor coordenação motora. A mesma coisa espera-se que aconteça ao decorrer das intervenções com os escolares deste estudo, partindo do pressuposto que a prática regular do futsal irá contribuir favoravelmente para a aquisição de componentes atrelados a coordenação motora.

Como foi verificado no presente estudo, não foram observadas diferenças significativas nas tarefas motoras quando comparados grupos por faixa etária (Tabela 2).

A mesma circunstância foi verificada por Saker e Colaboradores (2012), quando compararam crianças do sexo masculino em diferentes idades, e não constataram nenhuma diferença significativa entre as tarefas designadas pelo KTK.

Contudo, esperava-se que os indivíduos mais velhos apresentassem uma coordenação motora mais predominante em relação aos mais novos, já que a idade parece ser um indicador determinante no desenvolvimento da coordenação motora, tendo em vista que pode estar associada ao processo de crescimento e maturação (Valdivia e Colaboradores, 2008).

Todavia, este comportamento foi analogamente presenciado nos estudos de Collet e Colaboradores (2008), Pelozin e Colaboradores (2009) e Carminato (2010), no qual verificaram que grupos mais velhos apontavam índices baixos de coordenação, inclusive inferiores aos mais jovens. Já outros pesquisadores testemunharam uma grande influência da idade no incremento dos valores dos testes, nos quais as crianças mais velhas apresentavam uma melhor coordenação (Gomes, 1996; Lopes, 2006; Deus e Colaboradores, 2008, 2010).

O desempenho baixo nas tarefas do KTK e por consequência uma coordenação motora limitada para ambos os grupos, pode ser atribuída ao fato de que os avaliados são ingressantes no projeto, e desta forma é compressível parâmetros de coordenação aquém da normalidade, já que possíveis componentes da aptidão física encontram-se ligeiramente adormecidos, justamente pela falta de estimulação, bem como pela carência de uma intervenção mais direcionada.

Além disso, outro aspecto que pode ter pesado nos resultados é a questão do nível de atividade física, cujo alguns autores

defendem que a medida que a idade avança a atividade física espontânea decresce (Faustino, Pires e Oliveira, 2004; Collet e Colaboradores, 2008), o que talvez explicaria este desempenho regular, principalmente no grupo mais velho. Outro fator inerente associado à coordenação baixa consiste no fato de que, na maioria das vezes, as aulas de educação física não são suficientes para contemplar a aquisição do arcabouço motor, haja vista que elas são curtas e limitadas quanto ao seu direcionamento.

Desse modo, o treinamento pode contribuir para uma maior e melhor aquisição do repertório motor, desde que seja direcionado e sistematizado ao longo do processo. Esta prerrogativa pode ser confirmada através de dados da literatura, cujo alguns autores encontraram resultados superiores àqueles que treinavam alguma modalidade esportiva regularmente (Collet e Colaboradores, 2008; Strapasson e Colaboradores, 2012).

Analisando os resultados da motivação também não verificaram-se diferenças significativas entre os grupos para nenhuma das subescalas analisadas. Logo, os avaliados apresentam uma motivação muito similar, não apresentando diferenças expressivas quando associados à idade. Tais resultados corroboram com o estudo de Oliveira e colaboradores (2010), o qual também não encontraram diferenças estatísticas entre três grupos analisados com idades entre 10 a 17 anos, praticantes de esporte em um projeto.

Entretanto, outros pesquisadores encontraram diferenças significativas para as faixas etárias, como Fernandes (2001) que, ao analisar nadadores jovens face aos mais velhos, verificou diferenças em pelo menos dois aspectos da motivação. Fonseca, Freitas e Frade (1998), também constataram diferenças significativas entre idades na motivação de atletas de futebol. Além destes, outros autores também destacam variações expressivas associados à idade (Biddle e Mutrie, 2001; Januário e Colaboradores, 2012).

Como destacado em nosso estudo, a motivação não se distinguiu entre os grupos etários, o que pode ser compreendido pelo fato de que os escolares avaliados são ingressantes no projeto, o que possivelmente influenciou nas respostas dos participantes.

Além disto, é realmente aceitável que os alunos não tenham uma resposta elevada para algumas subescalas de cunho eminentemente esportivo, tendo em vista que muitos deles vêm de um contexto esportivo mais recreativo (Oliveira e Colaboradores, 2010).

Desta maneira, a medida que os alunos vão imergindo progressivamente no esporte, a tendência é que a motivação se configure de forma diferente do que era inicialmente.

Ponderando isoladamente as subescalas de motivação (Tabela 4), verificamos que três dimensões motivacionais apresentaram menores níveis de motivação e surpreendentemente em concordância entre os grupos, como as subescalas “realização do estatuto”, “contextual” e “influência de familiares”.

Estas características, evidenciadas pelos grupos, realmente parecem confirmar a prática do esporte como caráter lúdico, não sendo importantes variáveis como “entrar em competições”, “ganhar”, “receber prêmios”, “ser conhecido”, “ter influência de treinadores ou familiares”. Ou seja, estas condições, referentes às três subescalas citadas, não são importantes para os grupos avaliados.

Contudo, dimensões como “atividades em grupo” e “aptidão física” parecem ser mais preponderantes entre os grupos, cujo, fatores como “trabalhar em equipe”, “ter alguma coisa pra fazer”, “pertencer a um grupo”, “fazer exercícios” e “estar em boa condição física”, são aspectos mais relevantes do que fatores específicos do esporte.

Novamente estes resultados parecem reforçar a ideia da prática esportiva num contexto lúdico e de lazer, partindo do pressuposto que estar em contato com pessoas, fazer exercícios físicos e se divertir é mais importante que competir.

Correlações fortes também foram encontradas para cinco subescalas, ambas em comunicação uma com as outras, em contra partida não foram verificadas correlações expressivas para duas dimensões motivacionais, como “realização estatuto” e “aperfeiçoamento técnico”.

Também foram realizadas correlações entre as tarefas motoras do KTK com as subescalas do QMAD, entretanto, não foram observadas correlações consistentes, demonstrando que para o grupo avaliado, a

motivação parece não ter relação com o desempenho motor e vice-versa.

Porém, vale a ressalva que os alunos são iniciantes no projeto de futsal e como verificado ao longo do estudo, apresentaram níveis de coordenação e motivação considerados aquém da normalidade.

CONCLUSÃO

Os resultados encontrados são aceitáveis, na medida em que ingressantes em modalidades esportivas geralmente não apresentam condições satisfatórias em diversos parâmetros associados ao esporte, tendo em vista que muito deles não estão habituados há contextos esportivos sistematizados.

Desta forma, espera-se que a modalidade do futsal possa contemplar a aquisição do arcabouço motor e de componentes da aptidão física, e como consequência a potencialização do desempenho em futuros testes.

Almeja-se também, que os fatores motivacionais possam ser superiores e concomitantes ao desempenho motor, permitindo assim uma melhor efetividade dos praticantes.

AGRADECIMENTOS

Os pesquisadores agradecem a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná-SETI, através do Programa de Extensão Universidade sem Fronteiras; e ao Departamento de Educação Física-DEDUF/G da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO.

REFERÊNCIAS

1-Almeida, G. S. N. Desenvolvimento motor e percepção de competência motora na infância. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa. 2012.

2-Balbinotti, M. A. A.; Zambonato, F.; Barbosa, M. L. L.; Saldanha, R. P.; Balbinotti, C. A. A. Motivação à prática regular de atividades físicas e esportivas: um estudo comparativo entre estudantes com sobrepeso, obesos e eutróficos. *Motriz*. Vol. 17. Num. 3. p.384-394. 2011.

3-Bernardes, A. G.; Yamaji, B. H. S.; Guedes, D. P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. *Motricidade*. Vol. 11. Num. 2. p.163-173. 2015.

4-Biddle, S.; Mutrie, N. *Psychology of Physical Activity: Determinants, well-being and interventions*. London. Routledge. 2001.

5-Brasil, M. R.; Oliveira, V. M.; Chumlhak, Z.; Estevão, B. J.; Silva, T. R.; Silva, S. R. Associação entre (in) satisfação com a imagem corporal, estado nutricional e nível de coordenação motora em crianças e adolescentes de projetos esportivos. *Cinergis*. Vol. 16. Num. 2. p.1-5. 2015.

6-Braz, T. V.; Arruda, M. Diagnóstico do desempenho motor em crianças e adolescentes praticantes de futebol. *Movimento & Percepção*. Espírito Santo do Pinhal. Vol. 9. Num. 13. p.7-30. 2008.

7-Carminato, R. A. Desempenho motor de escolares através da bateria de testes KTK. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2010.

8-Collet, C.; Folle, A.; Pelozin, F.; Botti, M.; Nascimento, J. V. Nível de coordenação motora de escolares da rede estadual da cidade de Florianópolis. *Motriz*. Vol. 14. Num. 4. p.373-380. 2008.

9-Deus, R. K. B. C.; Bustamante, A.; Lopes, V. P.; Seabra, A. F. T.; Silva, R.M. G.; Maia, J. A. R. Modelação longitudinal dos níveis de coordenação motora de crianças dos seis aos 10 anos de idade da Região Autónoma dos Açores, Portugal. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*. Vol. 24. Num. 2, p.259-73. 2010.

10-Deus, R. K. B. C.; Bustamante, A.; Lopes, V. P.; Seabra, A. F. T.; Silva, R. M. G.; Maia, J. A. R. Coordenação motora: estudo de tracking em crianças dos 6 aos 10 anos da Região Autónoma dos Açores, Portugal. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*. Vol. 10. Num. 3. p.215-222. 2008.

11-Faustino, A. J. D.; Pires, T. R.; Oliveira, V. R. Os efeitos da actividade física regular no desenvolvimento infanto-juvenil. Estudo no 1º

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

ciclo do ensino básico, 2º ano de escolaridade. Revista do Departamento de Educação Física e Artística. Vol. 5. p.515-524, 2004.

12-Fernandes, R. A motivação para a prática de natação de competição em atletas pré-juniors e juniors-seniors. In: Fonseca, A. Estudos sobre a motivação. Porto. FCDEF. 2001.

13-Fonseca, A.; Freitas, N.; Frade, V. Estudo da relação entre a idade dos atletas e os seus motivos para a prática do futebol em equipas federadas da região de Coimbra. In: Fonseca, A. Estudos sobre a motivação. Porto. FCDEF. 1998.

14-Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3.Ed. São Paulo. Phorte. 2005.

15-Gill, D.; Gross, J.; Huddleston, S. Participation Motivation in Youth Sports. International Journal of Sport Psychology. Vol. 14. p.1-14. 1983.

16-Gomes, M. P. B. B. Coordenação, aptidão física e variáveis do envolvimento. Estudo em crianças do 1o ciclo de ensino de duas freguesias do concelho de Matosinhos. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto. Porto. 1996.

17-Gorla, J. I.; Araújo, P. F.; Rodrigues, J. L. Avaliação motora em educação física adaptada. São Paulo. Phorte. 2009.

18-Haywood, K.; Getchell, N. Life span motor development. 5th Edition. Human Kinetics. 2009.

19-Januário, N.; Colaço, C., Rosado, A., Ferreira, V., Gil, R. Motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário: Influência do género, idade e nível de escolaridade. Revista Motricidade. Vol. 8. Num. 4. p.38-51. 2012.

20-Krebs, R. J.; Duarte, M. G.; Nobre, G. C.; Nazário, P. F.; Santos-Libardoni, J. O. Relação entre escores de desempenho motor e aptidão física em crianças com idades entre 07 e 08 anos. Revista Brasileira de Cineantropometria

e Desempenho Humano. Vol. 13. Num. 2. p. 94-99. 2011.

21-Lopes, L. C. O. Actividade física, recreio escolar e desenvolvimento motor: Estudos exploratórios em crianças do 1.º ciclo do ensino básico. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. Portugal. 2006.

22-Lopes, V. P.; Santos, R.; Oliveira, P. B. Associações entre actividade física, habilidades e coordenação motora em crianças portuguesas. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano. Vol. 13. Num. 1. p.15-21. 2011.

23-Oliveira, A. A. B.; Teixeira, C. A.; Rechenchosky, L.; Filho, A. O.; Prati, A. C.; Costa, L. A.; Silva, S. R.; Lima, S. T.; Pereira, V.R. Motivação para a prática esportiva: Programa Segundo Tempo, Região 16. EFDeportes.com. Revista Digital. Buenos Aires. Ano. 15. Num. 150. 2010.

24-Pelozin, F.; Folle, A.; Collet, C.; Botti, M.; Nascimento, J. V. Nível de coordenação motora de escolares de 09 a 11 anos da rede estadual de ensino da cidade de Florianópolis/sc. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. Vol. 8. Num. 2. p.123-132. 2009.

25-Polles, M. C. Barbosa, C. C. L. Motivação de adolescentes de 10 a 18 anos em participar de projetos que envolvam a prática de atividades físicas. Diálogos & Saberes. Vol. 8. Num. 1. p. 247-265. 2012.

26-Ramos, O. F.; Menon, L. Nível de coordenação motora em crianças que praticam futsal no município de Prudentópolis, Pr. EFDeportes.com. Revista digital. Buenos Aires. Ano. 16. Num. 156. 2011.

27-Saker, A. R. P. M.; Neto, A. J. L.; Oliveira, L. S.; Sousa, M. S. C., Carvalhal, M. I. M. M. Avaliação da coordenação corporal pelos escores da bateria de testes KTK em escolares do ensino fundamental. Coleção Pesquisa em Educação Física. Vol. 11, Num.1. p.89-98. 2012.

28-Serpa, S. Motivação para a prática desportiva: Validação preliminar do questionário de motivação para as actividades

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

desportivas-QMAD. In. Sobral, F.; Marques, A. FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa. Lisboa. Ministério da Educação. 1992. p.89-97.

29-Strapasson, A. M.; Baessa, D. J.; Silva, A. A. C; Pereira, T.; Faria, F. R. Avaliação da coordenação motora de crianças e adolescentes que treinam e que não treinam badminton. EFDeportes.com. Revista Digital. Buenos Aires. Ano. 17, Num. 171. 2012.

30-Thomas, J. R.; Nelson, J. K.; Silverman, S. J. Métodos de pesquisa em atividade física. 3ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2007.

31-Valdivia, A. V.; Cartagena, L. C.; Sarria, N. E.; Távora, I. S.; Seabra, A. F. T.; Silva, R. M. G.; Maia, J. A. R. Coordinación motora: influência de la edad, sexo, estatus socioeconômico y niveles de adiposidad en niños peruanos. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano. Vol. 10. Num. 1. p.25-34. 2008.

32-Valentini, N. C. A influência de uma intervenção motora no desempenho motor e na percepção de competência de crianças com atrasos motores. Revista Paulista de Educação Física. Vol. 16. Num. 1. p.61-75. 2002.

33-Winterstein P. J. Motivação, educação física e esporte. Revista Paulista de Educação Física. Vol. 6, Num. 1. p.53-61. 1992.

E-mails dos autores:

oliveira_vm@hotmail.com

thais_renata_16@hotmail.com

brasilmr@hotmail.com.br

bruna_estevao@yahoo.com.br

zacariaschumlhak@hotmail.com

schelys@hotmail.com

Endereço para correspondência:

Vinicius Machado de Oliveira.

Rua dos Abacateiros, 70.

Bairro Conradinho, Guarapuava-PR

CEP: 85060-450.

Recebido para publicação em 22/02/2016

Aceito em 28/02/2016